



o legado das deusas

novos mitos e arquétipos do feminino

Cristina Balieiro



o legado das deusas

novos mitos e arquétipos do feminino



Pólen

São Paulo, 1ª edição
2020

Copyright© 2020, by Cristina Balieiro
Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados a Pólen Livros e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

DIREÇÃO EDITORIAL
LIZANDRA MAGON DE ALMEIDA

COORDENAÇÃO EDITORIAL
LUANA BALTHAZAR

REVISÃO
EQUIPE PÓLEN LIVROS

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
DANIEL MANTOVANI

PROJETO GRÁFICO
PÓLEN LIVROS

Balieiro, Cristina

O Legado das Deusas 2: novos mitos e arquétipos do feminino / texto e
ilustração – Cristina Balieiro 1ª ed. – São Paulo : Pólen, 2020
144p.

ISBN 978-65-50940-07-2

Inclui Bibliografia

1. Mitologia. 2. I. Título.

14-01752

CDD 291.13

Ficha catalográfica elaborada por Fátima Bretanha (CRB-8/3178)



www.polenlivros.com.br
www.facebook.com/polenlivros
@polenlivros
(11) 3675-6077

O respeito pelo sagrado feminino e sua expressão através das mulheres mais velhas, das sacerdotisas, dos oráculos, pode ter sido excluído da história do patriarcado, pode ter sido proibido e depois esquecido, mas uma vez que o processo de lembrança comece, é como se uma fonte, que antes era um poço sagrado e que estava soterrada, fosse liberada novamente.

Jean Shinoda Bolen

É importante que as mulheres recuperem a Deusa – não apenas uma Deusa, mas todas elas. Quanto mais Deusas conhecermos, mais poderemos celebrar, honrar e respeitar a diversidade do espírito feminino. Se festejarmos, honrarmos e respeitarmos a diversidade das Deusas, então poderemos fazer o mesmo por nós.

Amy Sophia Marashinsky

Sumário

Apresentação. Recebendo o Chamado	8
Introdução. Quando Deus era Mulher: a Grande Mãe	15
Ouvindo as Deusas	21
Asase Yaa, o Ventre Sagrado	22
Avó Nokomis, a Mestra e o Filtro de Sonhos	27
Bari Gongju, a Xamã	32
Ceres, a Senhora da Terra Cultivada	37
Cerridwen e o Caldeirão Mágico	41
Euá, a Guardiã dos Mistérios	46
Freya, a Poderosa	51
Iamuricumás, as Viajantes que Dançam	56
Ixchel, a Caverna da Vida	60
Jacy, a Deusa-Lua	65
Lilith, a Libertária	71
Mari, a Senhora das Múltiplas Manifestações	76
Mati-Syra-Zemlya e Mokosh, a Úmida Mãe Terra	81
Moiras, as Tecelãs dos Ciclos	86
A Mulher que Muda e o Caminho das Bênçãos	90
Nut, o Útero Celeste	95
Obá, a Grande Guerreira	100
Ostara, a Dona da Vida que Renasce	105
Pachamama, a Teia da Vida	110
Pele, a Senhora dos Vulcões	115
Sarasvati, a Senhora da Sabedoria	120
Sofia, e o Saber da Alma	125
Para encerrar. A Quarta Face da Deusa: a Irmandade Feminina	131
Referências Bibliográficas	138

Apresentação

Recebendo o Chamado

Em abril de 2014 lancei pela Pólen Livros, editora que também estava nascendo, meu primeiro livro solo, *O legado das deusas*, com mitos de 20 deusas de diferentes tradições, minha interpretação simbólica dessas narrativas e um desenho que fiz de cada uma delas. Desse dia até hoje tenho vivido uma jornada cheia de aventuras proporcionada por essa edição. Como já disse em outros escritos, aprendi que os livros que a gente escreve são como tapetes voadores: nos transportam para terras nunca imaginadas.

Logo depois do lançamento, várias leitoras começaram a me contar que estavam usando o livro como uma espécie de oráculo: abriam uma página ao acaso e liam o mito e a “lição da deusa”, como se fosse um tema a ser trabalhado no dia ou semana, ou como resposta a alguma pergunta feita. Bastante surpresa, contei isso para minha editora e proprietária da Pólen, a Lizandra.

Um dia, num evento em que estávamos juntas, uma leitora e amiga contou que também usava o livro dessa forma e falou que estava pensando em tirar cópias das minhas ilustrações das deusas, plastificar e transformar num pequeno baralho. Aí a Lizandra falou: “Não, não faça isso; é a Pólen que vai fazer”. Foi assim que o baralho-oráculo surgiu: depois de alguns meses do livro lançado e não por iniciativa minha; na verdade, sequer tinha cogitado algo parecido.

Outro fato inesperado: quando escrevi o livro estava pensando primordialmente em um público feminino e adulto que gostasse da relação mito/psicologia, numa base junguiana. Mas ele acabou chegando também em algumas meninas bem pequenas, até ainda não alfabetizadas, que gostaram de ouvir as histórias das deusas contadas para elas. E soube também que algumas

professoras do ensino fundamental estão usando o livro em suas aulas. Nunca imaginei, nem em meus sonhos mais remotos, poder atingir um público infantil.

Livros e tapetes voadores são realmente objetos mágicos!

Além dessas e outras experiências surpreendentes vividas a partir do lançamento do livro, outro acontecimento se somou ao meu amor pelo estudo da mitologia relacionada ao feminino. Em setembro de 2016, Beatriz Del Picchia, minha grande amiga e parceira de livros, site, palestras, aulas, estudos e muitas conversas, e eu iniciamos sem muita pretensão um encontro mensal, aberto e gratuito na Livraria Millenium, em São Paulo. Chamamos de “Encontros de Mitologia do Feminino”. Nossa intenção era/é estudar os mitos das mais diversas tradições, mas com foco numa interpretação feminina, e abrir rodas de conversas com as participantes. Esse projeto acabou dando muito certo e esses encontros acontecem mensalmente, sempre com um bom público, há mais de três anos. Para nos prepararmos para eles, mergulhamos ainda mais fundo na pesquisa da mitologia e em sua relação com o feminino e com as mulheres. E esses estudos foram amplamente enriquecidos com a troca de visões, interpretações e experiências feitas com as centenas de mulheres que já participaram deles.

Agora, voltando a esse livro que você tem nas mãos...

Segundo o modelo mítico descrito por Joseph Campbell, toda Jornada de Herói e de Heroína começa por um Chamado à Aventura. Foi o que aconteceu comigo: recebi um Chamado para fazer esse segundo volume. Aliás, não um, dois Chamados.

Em março de 2018, indo a Sorocaba com a Lizandra para falar com mulheres no programa “Tarja Branca” do Sesc de lá, falei para ela de deusas que ficaram de fora do primeiro livro e de como gostaria de tê-las incluído. Aí a Lizandra me questionou: “Vamos pensar então num segundo volume?” Eu só ri e deixei para lá. Mas, de alguma forma, aquilo ficou na minha cabeça.

Mais de um ano depois, em junho de 2019, numa manhã absurdamente fria em São Paulo, Lizandra e eu nos encontramos na inauguração de uma casa de eventos no bairro do Brooklin.

Tinha acabado de lançar meu novo livro *Círculos de Mulheres – as novas irmandades* com minha já citada parceira, a Bia Del Picchia, e *O Legado* tinha chegado a sua segunda edição. Lizandra e eu conversamos bastante sobre livros, sobre a editora, sobre esse mercado, como sempre costumamos fazer quando nos encontramos. Ela me deu carona na volta e no trajeto novamente falou da possibilidade de fazermos um segundo volume com as deusas que não estavam no primeiro livro.

Respondi que naquele momento não, pois havia acabado de lançar um novo livro, estava lidando com sua divulgação e me sentindo um pouco cansada – o processo de escrita do livro novo durara dois anos.

Mas a gente controla o que pede nossa alma? O que acontece quando recebemos, de novo, um Chamado? Bobagem...

Depois dessa conversa, comecei a acordar com frequência por volta das três horas da madrugada com deusas rondando minha mente; elas não me deixavam dormir! “Elas” atormentaram meu sono por cerca de um mês, até que me rendi, pois não adiantava lutar: o livro já estava sendo gestado dentro de mim. Liguei para a Lizandra, confirmei o interesse da Pólen na edição desse segundo volume, e comecei o trabalho em agosto do ano passado.

Esse livro demandou muito mais trabalho de pesquisa do que o primeiro, porque fui buscar deusas de mitologias ainda menos conhecidas e/ou menos documentadas.

Para muitos povos antigos, os relatos míticos-religiosos eram de transmissão oral e com frequência foram escritos posteriormente pelos povos que os conquistaram. Foi o caso dos celtas, cuja mitologia foi transcrita pelos romanos, ou da antiga mitologia xamânica da Coreia, que foi compilada por eruditos confucionistas depois da conquista da península coreana pelos chineses, por exemplo.

E com o cristianismo se estendendo por todo o ocidente, os mitos de outros povos pagãos foram compilados por monges cristãos como grande parte da mitologia nórdica, basca e eslava. Da mesma forma a mitologia indígena brasileira foi escrita

primariamente pelos padres que vieram aqui evangelizar e só no século 20 indigenistas, antropólogos e descendentes desses povos vêm buscando resgatar os mitos originais.

Por isso há nos relatos míticos muitas lacunas e reinterpretações. E, no caso de mitos de deusas ou de heroínas míticas, as narrativas são ainda mais difíceis de encontrar. Além de raras, são escassas em detalhes ou até distorcidas: afinal, foram compiladas por culturas fortemente patriarcais, que valorizam muito mais os deuses e os heróis ou, pior, muitas vezes, procuraram desacreditar, aviltar ou mesmo demonizar as figuras sagradas femininas. Então, para fazer esse trabalho, foi necessária uma espécie de garimpagem em múltiplas e diversificadas versões e fontes.

Metaforicamente falando, escrever este livro foi como a feitura de uma complexa colcha de retalhos, juntando e costurando diferentes pedaços: pegando uma informação aqui, outra ali, checando e ampliando com toda leitura que pude ter em minhas mãos. Há muito material na internet, mas muitas vezes sem fontes de verificação ou mesmo com informações questionáveis. Por isso ela é boa como pesquisa inicial, mas sempre é necessário checar em outras fontes.

Nas referências bibliográficas estão os livros e artigos usados como fontes primárias e/ou como material de confirmação de informações obtidas na rede. Nelas estão também os principais livros de psicologia junguiana, livros sobre mulheres, o feminino e o feminismo e outros que usei como base para minhas reflexões e interpretações sobre os mitos.

Este livro não pretende ser acadêmico, nem uma rigorosa pesquisa científica, mas procurei, dentro do meu possível, ser o mais fidedigna que consegui em relação a cada mito e tradição aqui abordados.

Em alguns casos fui direto ao relato mítico, com toda sua poesia e imagética. Em outros, inseri detalhes históricos de seus povos e/ou da forma de compilação dos mitos, porque considere importantes para situar leitoras e leitores e enriquecer sua visão daquela tradição.

Como no primeiro livro utilizei recortes dos mitos – alguns mais completos, outros parciais, mas escolhidos por mim de forma absolutamente particular e sempre contados em minha própria linguagem. São escolhas tão pessoais como os desenhos que ilustram o livro e as cartas do baralho – agora livro e baralho nascem juntos – e representam minha visão dessas deusas.

Este livro, como o anterior, não segue uma lógica interna: as deusas estão colocadas exclusivamente em ordem alfabética e por isso ele pode ser lido numa sequência escolhida de forma aleatória ou como um oráculo.

Depois do mito, vêm as “lições” que cada deusa pode trazer para as mulheres contemporâneas segundo minha interpretação. As interpretações, assim como os temas que escolhi abordar para cada deusa, sempre são minhas versões – podem ser válidas, mas nunca serão as únicas. São frutos da minha experiência pessoal, do meu trabalho terapêutico, da escrita dos meus outros livros, das trocas que fiz com tanta gente nessa vida, das minhas reflexões, leituras e estudos – resumindo, refletem quem eu sou e penso. Você, cara leitora/caro leitor, poderá ampliar muito o conteúdo deste livro com suas próprias interpretações. Afinal, essa é a uma das preciosidades dos mitos, das metáforas e dos símbolos – a multiplicidade possível de suas leituras.

Como no primeiro livro, e como havia previamente combinado com a editora, seriam 20 deusas. Mas duas outras se apresentaram nesse caminho e exigiram também estar presentes nessa empreitada; e quem sou eu para me contrapor as deusas? Então neste são 22!

E há ainda a Introdução, em que discorro sobre a Grande Deusa Mãe, a primeira Manifestação Divina reconhecida pela humanidade, e o encerramento, em que falo sobre um arquétipo que vem se manifestado de forma crescente na realidade, a Irmandade Feminina. Nessa última parte narro também um ritual de fertilidade feminino muito antigo.

Antes de encerrar essa nossa “conversa”, quero dizer que me senti muito honrada por essas representantes sagradas do

Feminino terem me instigado e me permitido poder contar um pouco de suas histórias. Foi com enorme senso de gratidão e deleite que escrevi esse livro.

Espero que também para você, cara leitora/caro leitor, as Deusas possam iluminar e abençoar sua caminhada!

Cristina Balieiro

São Paulo, janeiro de 2020

Introdução

Quando Deus era Mulher: a Grande Mãe

Em tempos ancestrais, na pré-história da humanidade, deus era um ser feminino: a Grande Deusa Mãe. Essa deusa, que reinava de maneira solitária e soberana sobre tudo, representa a primeira visão humana do divino.

A característica dessa Deusa Mãe que a diferencia totalmente do Deus Pai como veio a ser representado nas tradições mono-teístas masculinas é que ela contém TUDO e não só o lado bom! Ela contém o Bem e o Mal, a Luz e a Sombra, a Vida e a Morte, o Dia e a Noite, a Abundância e a Escassez, a Amorosidade e a Ira, a Criação e a Destruição, enfim, carrega em si todos os pares de opostos. O junguiano Erich Neumann comenta que um dos traços fundamentais dela era essa *coincidentia oppositorum*, ou seja, a unidade dos contrários.

Tudo e todos nascem dela e nela irão ao morrer; é dela que tudo vem e é para ela que tudo volta. Era vista tanto como Mãe Bondosa como Mãe Terrível – útero e túmulo de todos – porque exercia tanto o poder de dar a vida como o de trazer a morte. Havia nela uma unidade mística, tanto das forças benignas como das forças ameaçadoras que regem o mundo. Nessa visão, assim como a vida era celebrada, o processo destrutivo da natureza também era reconhecido e respeitado.

Ela era também a Transformadora: aquela que recebia em seu ventre cósmico as sementes e as transformava em vegetação, assim como recebia os corpos mortos e os devolvia renovados e reencarnados, gerando o futuro e garantindo a continuidade da vida.

Essa visão é simbolizada pelo aspecto tríplice muitas vezes atribuído à Grande Deusa: Donzela, a criadora; Mãe, a mantene-

dora, e Velha, a ceifadora, numa visão da vida composta de sucessivos nascimentos-mortes-renascimentos. Depois da Velha sempre reaparecia a Donzela, no ciclo ao mesmo tempo eterno e mutável da natureza e do cosmos.

Essa Grande Deusa era totalmente associada à natureza e às suas leis. No começo dos tempos, os humanos formulavam a ideia do mundo abstrato conforme a realidade existencial concreta se apresentava para eles. Desse modo, a natureza, quando os presenteava com as riquezas da terra, era a Grande Deusa Bondosa; e era a Mãe Terrível quando os castigava com a força de seus elementos. Ela era vista, ao mesmo tempo, como aterradora, amorosa, poderosa e divina, portanto tão amada quanto temida.

Com o passar do tempo, os mitos mudaram e, de deusa única, essa Grande Mãe foi tendo filhos deuses que, muitas vezes, viravam também seus consortes; mas ela continuava a reinar como a deusa maior e a mais poderosa.

A religião da Grande Mãe era ctônica: todas as deusas e deuses viviam na superfície da Terra ou dentro dela. O Céu não era seu habitat, era visto como uma espécie de estrada pela qual as deusas e os deuses viajavam. Foi com a chegada das religiões patriarcais que os deuses começaram a habitar o Céu. O sagrado saiu da Mãe Terra e se instalou lá longe, acima de todos os seres que nela habitam e de onde não conseguem se aproximar. Ao contrário, a Mãe Terra era honrada em seu próprio elemento. Era vista e reverenciada nos ciclos das estações, nos fenômenos da natureza, na riqueza e na beleza da terra, das estrelas, das montanhas, das águas, das plantas, dos animais.

Havia também a crença de que a criação ocorria não apenas uma vez, como normalmente acontece nas crenças monoteístas patriarcais, mas constantemente, num processo de recriação eterno. Tudo era criado nela e retornava a ela na época da dissolução, para novamente ser recriado. Era o poder da Grande Deusa Mãe que formava a criança no útero, a planta na semente, o pássaro no ovo: vida ou força vital eram nomes alternativos da Deusa.

Essa divindade feminina ancestral era vista como imanente, ou seja, parte dela vivia em cada uma de suas criaturas; dessa forma tudo o que vivia era considerado sagrado e a humanidade não estava acima de qualquer outro ser vivente.

As descobertas arqueológicas feitas durante o século 20, com a entrada de arqueólogos e outras especialistas mulheres nesse campo de estudo, e com o desenvolvimento de tecnologias mais avançadas, vem corroborando a hipótese de que a crença na Grande Mãe foi a primeira vivência religiosa a existir para vários povos em diferentes regiões do planeta. Muitos desses achados trazem fortes evidências de ter havido variadas culturas baseadas na adoração primordial de uma deidade feminina, bem antes da imposição da crença nos deuses masculinos e da cultura patriarcal. E isso especialmente entre povos de origem agrária. Como diz Joseph Campbell: “... onde quer que a agricultura tenha se tornado a principal fonte de alimento do povo, a Deusa e o feminino são dominantes”.

Evidências arqueológicas atuais provam que a religião da Deusa existiu e floresceu no Oriente Próximo e Médio por milhares de anos antes da chegada do patriarcal hebreu Abraão, primeiro profeta da divindade masculina Yahweh. Também foram descobertos, especialmente após o trabalho pioneiro da arqueóloga Marija Gimbutas, indícios contundentes da existência de uma religião centrada na Deusa em todo território europeu antes que as civilizações patriarcais tomassem conta do continente trazendo seu panteão de deuses. Foram achados também registros sobre uma Grande Deusa Mãe ancestral no Egito, África, Austrália e China.

Vamos observar várias características dessa Grande Mãe em inúmeras outras deusas posteriores, como se elas fossem desdobramentos dessa divindade feminina ancestral. É uma única deusa e ao mesmo tempo muitas, com diferentes nomes e formas, responsáveis por variados aspectos da vida, numa visão ao mesmo tempo monoteísta e politeísta.

No caso das deusas da Terra, a correspondência com a Grande Deusa Mãe é ainda mais evidente. Neste livro você poderá

verificar isso em Asase Yaa, em Mati-Syra-Zemlya e Mokosh e em Pachamama, típicas Mães Terra. Pode ser visto também no mito de Cerridwen, mas aí a Grande Mãe é representada pelo Caldeirão Mágico, do qual Cerridwen é a guardiã. Isso acontece também com as deusas que têm tanto a Mãe Amorosa como a Mãe Terrível dentro de si. No primeiro volume de *O Legado das Deusas* temos Inana, após seu processo de iniciação com a irmã sombria Ereshkigal, Iemanjá e Kali. Mas você poderá ver também “pistas ocultas” dessa Grande Mãe Divina em variados relatos míticos das outras deusas aqui retratadas, assim como naquelas presentes no primeiro volume.

Como vem se provando, por um grande espaço de tempo da história humana, esse culto à Grande Deusa predominou em várias regiões do planeta, mas foi implacavelmente combatido, especialmente por povos que professavam religiões monoteístas masculinas e que conquistaram os povos que professavam a crença nessa deidade feminina. Esses conquistadores vinham normalmente de tribos guerreiras nômades, que dominavam as artes da guerra e a feitura de armas, e conseguiram dominar povos mais pacíficos de cultura agrária. Não foi uma conquista fácil como a princípio parece e levou muitos séculos, pois muito comumente esses povos de cultura agrária tinham uma civilização muito mais desenvolvida e sofisticada que a dos conquistadores. Então a cultura patriarcal foi se estabelecendo lentamente, porém de forma rígida, violenta e massiva. O patriarcado, com suas crenças e normas, se fortaleceu incrivelmente, especialmente na Europa, quando o cristianismo canônico se tornou a religião oficial do Império Romano no ano de 326 d.C. Durante os séculos seguintes se estendeu por evangelização, conversão ou força por todo o continente.

Com a extinção definitiva dos cultos da Deusa e das Deusas nos países cristianizados e as consequentes perseguição e difamação dos valores sagrados femininos, somente fragmentos da sua antiga adoração permaneceram ocultos ou disfarçados nas crenças populares, nos costumes folclóricos, nos contos de fadas, na literatura.

E essa dominação do Divino unicamente masculino e o combate a visões que consideravam a existência de divindades femininas se estendeu depois para a América e parte da África, conquistadas por europeus.

No entanto, observa-se atualmente no mundo todo o ressurgimento com força da busca pelo Sagrado Feminino, como uma necessidade para a cura da psique individual e coletiva, fragmentada por essa cultura unilateral e doente.

Há uma crescente divulgação da espiritualidade feminina, não necessariamente religiosa, na literatura, nas artes, nos estudos históricos, sociais e psicológicos, nos ativismos das mulheres e nos grupos femininos: são sinais do “retorno da Deusa”.

Sua volta não significa retomar as antigas práticas e crenças, mas revalidar a visão do Sagrado Feminino na atualidade, ao desenvolver uma nova cosmologia centrada na Terra, criar uma ética baseada em valores de reverência pela vida, buscar soluções pacíficas para a nossa sobrevivência e convivência e enxergar todos os habitantes desse planeta, humanos e não humanos, como irmãs e irmãos de jornada.

Este livro se insere nessa proposta e nesse propósito.